



CAPÍTULO 1

A SOCIOLOGIA DO PONTO DE VISTA DA COMPLEXIDADE: desafios e contribuições para uma compreensão integrada do social

Adelcio Machado dos Santos

RESUMO: Objetivo de analisar como o pensamento complexo de Edgar Morin pode contribuir para uma renovação da Sociologia, oferecendo instrumentos conceituais e metodológicos capazes de lidar com a multiplicidade, a incerteza e a interdependência dos fenômenos sociais. Trata-se de revisão bibliográfica, qualitativa, em obras de autores clássicos e contemporâneos sobre Sociologia complexa e os dilemas do mundo contemporâneo. Resultados destacam necessidade da reforma do pensamento e superação da fragmentação do saber, convocando para construção de uma ciência mais sensível às incertezas, às interações e à diversidade dos fenômenos sociais. Entretanto, existem resistências institucionais e epistemológicas privilegiando abordagens lineares e objetivistas. Conclui-se que a Sociologia da complexidade representa não apenas uma alternativa metodológica, mas uma transformação profunda no modo de pensar e fazer ciência, essencial para a compreensão e enfrentamento dos desafios sociais do século XXI.

Palavras-chave: Sociologia da Complexidade. Edgar Morin. Epistemologia. Pensamento Complexo.

SOCIOLOGY FROM THE POINT OF VIEW OF COMPLEXITY: challenges and contributions to an integrated understanding of the social

ABSTRACT: The objective is to analyze how Edgar Morin's complex thinking can contribute to a renewal of Sociology, offering conceptual and methodological tools capable of dealing with the multiplicity, uncertainty, and interdependence of social phenomena. This is a qualitative bibliographic review of works by classical and contemporary authors on complex Sociology and the dilemmas of the contemporary world. The results highlight the need to reform thinking and overcome the fragmentation of knowledge, calling for the construction of a science more sensitive to the uncertainties, interactions, and diversity of social phenomena.

However, institutional and epistemological resistance favors linear and objectivist approaches. The conclusion is that the Sociology of complexity represents not only a methodological alternative, but a profound transformation in the way we think and do science, essential for understanding and addressing the social challenges of the 21st century.

Keywords: Sociology of Complexity. Edgar Morin. Epistemology. Complex Thought.

1 INTRODUÇÃO

A Sociologia, desde suas origens como disciplina científica, buscou compreender os fenômenos sociais a partir de modelos analíticos que muitas vezes fragmentam a realidade em partes isoladas, seguindo uma lógica reducionista herdada das ciências naturais. A abordagem, embora tenha possibilitado avanços significativos, revelou limitações consideráveis diante da complexidade crescente das sociedades contemporâneas (Santos *et al.*, 2024).

O sociólogo e filósofo francês Edgar Morin, desenvolveu ao longo de décadas uma proposta epistemológica que articula saberes fragmentados, integra dimensões aparentemente contraditórias e reconhece a incerteza como parte constitutiva do conhecimento (Behrens; Prigol, 2024). O pensamento de Morin se destacou ao propor uma ruptura com o paradigma da simplificação, convidando a um novo modo de pensar o social: o paradigma da complexidade.

Para Morin, a realidade social não pode ser compreendida a partir de um único enfoque disciplinar ou por meio de métodos que ignoram as interações, retroações e ambiguidades que marcam os fenômenos humanos. A Teoria da Complexidade criada por Morin, propõe uma reforma do pensamento que implica, necessariamente, em uma reforma do próprio olhar sociológico (Behrens; Prigol, 2024).

No campo da Sociologia, a proposta moriniana convida a repensar categorias clássicas, modelos lineares e estruturas rígidas, incorporando princípios como o dialógico (capacidade de integrar contrários), o recursivo (circularidade entre causa e efeito) e o hologramático (a parte contém o todo e o todo está presente na parte). Essa abordagem não apenas amplia o horizonte da análise social, como desafia os pesquisadores a adotarem uma postura mais aberta, reflexiva e crítica diante da realidade (Santos *et al.*, 2024).

Desse modo, o presente artigo tem como objetivo analisar como o pensamento complexo de Edgar Morin pode contribuir para uma renovação da Sociologia, oferecendo instrumentos conceituais e metodológicos capazes de lidar com a multiplicidade, a incerteza e a interdependência dos fenômenos sociais. A partir de uma revisão bibliográfica, com base em autores clássicos e contemporâneos, permitindo identificar a emergência de uma sociologia complexa, transdisciplinar e comprometida com os dilemas do mundo contemporâneo.

Assim, buscou-se evidenciar os limites do paradigma sociológico tradicional e apontar as possibilidades abertas pela perspectiva da complexidade, especialmente em contextos de transformação acelerada como os vivenciados nas sociedades contemporâneas.

Justifica-se esta abordagem pela necessidade de se repensar as bases da investigação sociológica frente aos desafios atuais, tais como: a globalização, as crises ambientais, as desigualdades persistentes, os conflitos culturais e a emergência de novas formas de sociabilidade mediadas pela tecnologia. Tais fenômenos exigem uma análise que avance da fragmentação disciplinar e que considere a teia de relações que compõem o tecido social.

O artigo está estruturado em seis seções. Após esta introdução, apresenta-se uma exposição dos fundamentos da teoria da complexidade em Morin. Em seguida, discute-se os limites da Sociologia tradicional e os princípios da Sociologia Complexa. Posteriormente, exploram-se as contribuições e os desafios desta abordagem para a prática sociológica. Por fim, são apresentadas as considerações finais, destacando a relevância de integrar o pensamento complexo no campo das ciências sociais.

2 FUNDAMENTOS DA TEORIA DA COMPLEXIDADE

A Teoria da Complexidade proposta por Edgar Morin emerge como uma crítica contundente à fragmentação do conhecimento e à lógica reducionista que orienta o pensamento científico moderno. De acordo com Morin (2015), o pensamento ocidental, especialmente a partir do Iluminismo e da Revolução Científica, consolidou uma “cultura da separação” entre disciplinas, instâncias da realidade e dimensões do saber. Para ele, essa cultura criou um modo de pensar que isola, simplifica e ignora as interações e retroações que compõem os fenômenos reais.

A complexidade, segundo Morin, não deve ser confundida com complicação. O termo deriva do latim *complexus*, que significa “o que é tecido junto”. Assim, o pensamento complexo busca articular e entrelaçar os múltiplos elementos que constituem a realidade, reconhecendo a interdependência entre as partes e o todo (Morin, 2015). Em “O método 1: A natureza da natureza”, Morin (2011) propõe uma epistemologia que incorpora incertezas, desordem, contradições e circularidades, o que representa uma ruptura com o paradigma cartesiano-newtoniano da simplicidade, causalidade linear e objetividade.

Entre os princípios centrais da complexidade estão o princípio dialógico, o princípio recursivo organizacional e o princípio hologramático. O dialógico permite unir, no pensamento, noções antagônicas como ordem/desordem, razão/emoção e indivíduo/sociedade. O recursivo organizacional reconhece os processos circulares e autopoieticos, onde os efeitos podem retroagir sobre as causas, formando laços complexos de causalidade. Já o hologramático propõe que cada parte de um sistema contém, de certo modo, o todo, e vice-versa (Morin, 2014).

Essa visão epistemológica da complexidade se destaca em estudos recentes das ciências sociais e humanas, que enfrentam fenômenos cada vez mais interligados e multifacetados. Pesquisas como a de Fleuri (2020) e Leff (2021), demonstram a importância de abordagens transdisciplinares, especialmente na educação, na ecologia e na política, que exigem formas de pensar que integrem múltiplas dimensões — culturais, econômicas, subjetivas e ambientais.

No campo da epistemologia contemporânea, autores como Nicolescu (2010) e Santos (2007) reforçam a crítica à fragmentação disciplinar e ao paradigma da ciência moderna. Nicolescu (2010) defende que o pensamento transdisciplinar, intimamente ligado à complexidade, implica uma lógica que vai além das disciplinas acadêmicas, integrando saberes científicos, filosóficos, espirituais e populares. Santos (2007) propõe a “ecologia dos saberes”, que dialoga com Morin ao rejeitar o monopólio do conhecimento científico e valorizar saberes diversos e situados.

Nesse contexto, a complexidade não é apenas um conceito teórico, mas uma exigência epistemológica e metodológica frente aos desafios do século XXI. A emergência de problemas globais, como as mudanças climáticas, as pandemias, os conflitos multiculturais e as crises políticas, evidenciam a limitação das abordagens unidimensionais e reforçam a necessidade de um pensamento mais abrangente, integrador e reflexivo. Como observa Morin (2014, p. 13), “o conhecimento da complexidade é inseparável de uma política do conhecimento que seja capaz de se autoquestionar e de se autocorrigir”.

A teoria da complexidade, portanto, propõe não apenas uma nova forma de pensar, mas uma reforma do pensamento. Essa reforma implica em uma ética do conhecimento, uma consciência dos limites da racionalidade e uma abertura para o inesperado, o contraditório e o incerto. Como afirma Morin (2011), conhecer é sempre um processo em construção, vulnerável e, ao mesmo tempo, vital para compreender a condição humana em sua plenitude.

3 A SOCIOLOGIA TRADICIONAL E SEUS LIMITES

A Sociologia, enquanto disciplina científica consolidou-se no século XIX, estabelecendo-se com o objetivo de compreender as dinâmicas sociais, a ordem e a mudança nas sociedades modernas. Os autores clássicos — como Émile Durkheim, Karl Marx e Max Weber — formularam teorias fundamentais que até hoje sustentam o campo sociológico. Contudo, o avanço da modernidade, a fragmentação social e os processos globais evidenciam as limitações metodológicas e epistemológicas na abordagem tradicional, particularmente no que diz respeito à complexidade dos fenômenos sociais contemporâneos.

A tradição durkheimiana, por exemplo, orientou-se pela busca da objetividade e da neutralidade científica, propondo que os fatos sociais deveriam ser tratados “como coisas” (Durkheim, 2007). Essa orientação, ainda que metodologicamente rigorosa, enfatiza uma racionalidade formal que tende a ignorar as subjetividades, as ambiguidades e os múltiplos sentidos que os indivíduos atribuem às suas práticas sociais.

Karl Marx (2011) por sua vez, mesmo reconhecendo as contradições do capitalismo, manteve uma lógica dialética estruturada em binarismos históricos e em uma concepção de progresso que muitas vezes negligencia a imprevisibilidade e a fluidez da vida social.

Max Weber (2004) ofereceu um avanço importante ao propor uma abordagem compreensiva da ação social, valorizando a interpretação dos significados. No entanto, sua busca por tipos ideais e pela racionalização como eixo da modernidade revelou um compromisso com a ordenação lógica do mundo social, o que limita a apreensão do caos, da desordem e das interações não lineares que caracterizam muitos processos sociais.

A crítica contemporânea à Sociologia Tradicional denuncia justamente essa herança de simplificação, isolamento disciplinar e linearidade causal. Segundo Bauman (2001), a Sociologia moderna está impregnada por uma lógica de “engenharia social”, buscando soluções definitivas e previsões exatas para problemas humanos profundamente instáveis e complexos. Nessa perspectiva, a modernidade líquida, conceito central em sua obra, exige uma Sociologia mais sensível às incertezas, às relações flexíveis e às identidades mutáveis.

Edgar Morin critica a Sociologia Tradicional por operar segundo o paradigma da disjunção-redução, isto é, por separar o que é interdependente e reduzir o múltiplo ao uno (Morin, 2015). O autor ainda destaca que o conhecimento sociológico precisa superar a lógica binária e incorporar a ambivalência e a circularidade presentes nos fenômenos sociais. Morin propõe uma ruptura epistemológica que reintroduz a complexidade como elemento constitutivo do pensamento sociológico, reconhecendo que o social é atravessado por dimensões contraditórias, imprevisíveis e interativas.

Essa crítica é compartilhada no livro de Santos (2009), onde o autor denuncia a “monocultura da razão moderna” e propõe uma ecologia de saberes. Para ele, a Sociologia tradicional, ao excluir outras formas de conhecimento — como os saberes populares, indígenas, quilombolas e periféricos —, reproduz uma lógica colonial e excludente. Nessa perspectiva, a incorporação do pensamento complexo representa um posicionamento ético-político frente à diversidade epistêmica.

Além disso, os desafios atuais, como a crise climática, os processos de migrações, a inteligência artificial e as desigualdades econômicas, sociais globais, exigem abordagens interdisciplinares e flexíveis. Como assinala Touraine (2006), a Sociologia precisa abandonar a ideia de que há um sujeito social universal e reconhecer a pluralidade de experiências e formas de ação que emergem na contemporaneidade. A fragmentação das identidades, a multiplicidade de pertencimentos e a fluidez das fronteiras tornam obsoletos muitos modelos explicativos herdados da tradição.

Dessa forma, torna-se urgente repensar os fundamentos da Sociologia a partir de uma crítica à tradição e do diálogo com o pensamento complexo, para construir um novo paradigma sociológico que articule razão e sensibilidade, ciência e ética, ordem e desordem. Como propõe Morin (2014), trata-se de desenvolver uma “cabeça bem-feita”, capaz de pensar o mundo em sua totalidade, contradições e incertezas.

4 A SOCIOLOGIA COMPLEXA: UMA NOVA PERSPECTIVA

A proposta da sociologia complexa, conforme delineada por Edgar Morin, constitui uma crítica e, ao mesmo tempo, uma superação das limitações impostas pela Sociologia tradicional. Fundamentada no paradigma da complexidade, essa abordagem propõe uma nova maneira de pensar o social, rompendo com a lógica reducionista, disciplinar e dualista que historicamente marcou o pensamento sociológico. Segundo Morin (2015), o pensamento complexo “não elimina a simplicidade, mas a integra dentro de um processo que reconhece a incerteza, a ambiguidade e a pluralidade dos fenômenos”.

A Sociologia complexa se ancora na ideia de que o conhecimento do mundo social não pode mais ser compartimentado ou tratado de forma linear. As sociedades contemporâneas são marcadas por interações multifacetadas, retroações, imprevisibilidades e contradições. Assim, Morin (2005) propõe um paradigma que articula os saberes, integra os diferentes níveis da realidade e reconhece a inseparabilidade da ordem e a desordem, o sujeito e a objeto, o todo e as partes. Nesse sentido, a complexidade é, antes de tudo, uma postura epistemológica que recusa a simplicidade ingênua e a simplificação dogmática.

Um dos fundamentos centrais dessa perspectiva é a noção de “holograma”, segundo a qual cada parte de um sistema social que contém, de algum modo, a totalidade que a constitui. Para Morin (2006), “o todo está nas partes, assim como as partes estão no todo”. Essa lógica recursiva quebra a rigidez dos modelos explicativos tradicionais que se baseiam em causas lineares e em dicotomias entre a estrutura e a agência. Na Sociologia complexa, os fenômenos sociais são compreendidos como sistemas abertos em constante reorganização nos quais os sujeitos não são meros produtos das estruturas, mas também co-autores da realidade social.

Além disso, a Sociologia complexa valoriza a articulação entre as disciplinas em uma lógica transdisciplinar. Como destaca Nicolescu (1999), a transdisciplinaridade busca “ir além das fronteiras disciplinares”, promovendo um diálogo entre diferentes campos do saber para enfrentar a complexidade dos problemas contemporâneos. Nesse sentido, a Sociologia complexa se aproxima de uma ciência do humano, onde as dimensões biológicas, culturais, históricas, econômicas e afetivas são integradas em uma compreensão global do ser humano e da sociedade.

Outro aspecto relevante é a consideração da incerteza como categoria epistemológica. Diferente da Sociologia tradicional que tende a buscar leis gerais e previsões sistemáticas, a Sociologia complexa reconhece que o social é atravessado por contingências, emergências e instabilidades. Isso não implica abandonar o rigor, mas reformulá-lo: trata-se de um rigor contextual, situado e aberto ao inesperado. Como afirma Morin (2014), o conhecimento deve enfrentar a incerteza, a dúvida e o erro para se tornar mais verdadeiro.

A inclusão da subjetividade, da emoção e da experiência também ganha destaque na Sociologia complexa. Essa abordagem não separa o sujeito cognoscente do objeto conhecido, reconhecendo a implicação do pesquisador nos processos de conhecimento. Esse ponto dialoga com as críticas de Bourdieu (2004), ao destacar a necessidade de uma “vigilância epistemológica” que inclua o posicionamento do pesquisador como parte da realidade estudada. A complexidade, nesse sentido, propõe um conhecimento mais autêntico, reflexivo e implicado com o real.

A Sociologia complexa também apresenta implicações ético-políticas significativas. Ao romper com a neutralidade axiológica, ela assume que todo conhecimento está enraizado em valores, perspectivas e interesses. Assim, a produção sociológica não pode se eximir de seus compromissos com a democracia, a dignidade humana e a justiça social. Para Morin (2005), é necessário construir uma “antropoética”, uma ética para o humano que reconheça a diversidade, a interdependência e a vulnerabilidade como fundamentos da vida em sociedade.

Essa visão também é partilhada por autores contemporâneos como Santos (2009), que defende a construção de uma “sociologia das ausências”, capaz de resgatar saberes silenciados e realidades invisibilizadas pelo pensamento hegemônico. A Sociologia complexa, nesse sentido, amplia o escopo da ciência social para além da racionalidade instrumental, se abrindo para ouvir a multiplicidade de vozes, experiências e formas de vida.

Além disso, essa nova perspectiva exige uma profunda reforma no modo de ensinar e aprender sociologia. Como Morin (2014) destaca, é necessário desenvolver uma “cabeça bem-feita”, ou seja, um modo de pensar que seja capaz de contextualizar, articular e problematizar os saberes. Isso implica uma mudança curricular, pedagógica e institucional que favoreça o pensamento crítico, a criatividade e a capacidade de lidar com a complexidade.

Morin (2014) compreende que a Sociologia complexa constitui uma proposta ousada e necessária diante dos desafios do mundo contemporâneo, ou seja, ela reconhece a complexidade como característica inerente ao social e nos convida a abandonar os esquemas simplificadores, a ultrapassar os muros disciplinares e a cultivar uma nova sensibilidade científica. Como sintetiza Morin (2015), é preciso aprender a navegar em um oceano de incertezas por meio de arquipélagos de certezas.

5 CONTRIBUIÇÕES E DESAFIOS DA SOCIOLOGIA DA COMPLEXIDADE

A Sociologia da complexidade, proposta por Edgar Morin, emerge como uma alternativa inovadora diante das limitações analíticas e epistemológicas dos paradigmas tradicionais das ciências sociais. Sua principal contribuição reside na forma como promove uma abordagem multidimensional do fenômeno social, reconhecendo a inseparabilidade entre os elementos que compõem a realidade. Ao rejeitar o reducionismo, a fragmentação disciplinar e a linearidade causal, a Sociologia da complexidade propõe uma visão integradora, crítica e reflexiva da vida social.

Uma das contribuições mais expressivas da Sociologia da complexidade é a superação das dicotomias clássicas, que historicamente estruturaram o pensamento sociológico: indivíduo/sociedade, estrutura/ação, ordem/caos, razão/emotividade. Como destaca Morin (2005, p. 23), “a complexidade exige um pensamento que saiba ligar o que está separado, distinguir sem desarticular e articular sem reduzir”. Assim, os fenômenos sociais passam a ser compreendidos como processos interativos e dinâmicos, nos quais os sujeitos são, ao mesmo tempo, produtos e produtores do social.

Essa abordagem contribui significativamente para a reforma do pensamento sociológico, propondo um modelo epistemológico que valoriza a incerteza, a contradição, a circularidade e a emergência. Diferentemente dos paradigmas positivistas, que privilegiam a previsibilidade e a objetividade, a Sociologia complexa reconhece o caráter incerto, mutável e contraditório da realidade. Como enfatiza Morin (2014), “a incerteza não é um defeito do conhecimento, mas uma de suas dimensões constitutivas”.

Além disso, a complexidade incentiva a integração entre os saberes, promovendo o diálogo transdisciplinar que rompe com a rigidez das fronteiras acadêmicas. Essa integração é essencial para compreender problemas sociais que envolvem múltiplas dimensões — culturais, políticas, econômicas, ambientais e subjetivas. Nesse sentido, a proposta de Nicolescu (1999) sobre a transdisciplinaridade reforça a ideia de que apenas um pensamento aberto e articulado pode enfrentar os desafios do século XXI.

No campo da pesquisa, a Sociologia da Complexidade oferece uma contribuição relevante ao valorizar metodologias híbridas, qualitativas e interpretativas, que consideram a complexidade do vivido e a singularidade dos contextos. Ela questiona modelos analíticos que buscam generalizações excessivas e propõe uma ciência que leve em conta a experiência, a história, a subjetividade e os sentidos atribuídos pelos atores sociais. Essa postura ressoa com a crítica de Geertz (1989), que defende uma “descrição densa” como forma de captar os significados sociais em sua profundidade e ambiguidade.

Contudo, essa proposta inovadora enfrenta diversos desafios teóricos, metodológicos e institucionais. Um dos principais é a resistência dos sistemas acadêmicos e científicos a mudanças paradigmáticas. A universidade moderna ainda opera sob a lógica da especialização, da divisão disciplinar e da objetividade técnica, dificultando a aceitação de perspectivas que envolvam incerteza, ambiguidade e subjetividade. Como alerta Santos (2009), “os modos hegemônicos de produção de conhecimento tendem a marginalizar saberes que não se enquadram na racionalidade dominante”.

A relação insuficiente entre teoria e empiria é outro aspecto desafiador de risco. A complexidade, ao enfatizar aspectos epistemológicos e filosóficos, pode incorrer em uma abordagem excessivamente abstrata, dificultando sua operacionalização na pesquisa empírica. Cabe, portanto, aos pesquisadores que se inspiram na Sociologia complexa o esforço de traduzir seus princípios em instrumentos analíticos e metodológicos viáveis, sem perder de vista sua coerência teórica.

A formação intelectual e pedagógica representa mais um desafio importante. Como observa Morin (2014), a educação tradicional não prepara os indivíduos para pensar a complexidade, pois promove um pensamento simplificador, compartimentalizado e linear. Assim, é necessário repensar de modo geral os currículos, as práticas pedagógicas e os modos de avaliação no ensino da sociologia e das ciências humanas. Trata-se de fomentar um pensamento crítico, reflexivo e integrador capaz de lidar com os problemas reais da sociedade.

Há ainda o desafio de politizar o conhecimento sociológico produzido a partir da complexidade. A Sociologia complexa propõe uma ética do conhecimento que reconhece o pesquisador como sujeito implicado e responsável por sua produção teórica. Em tempos de crise social, política e ambiental, a ciência não pode se esquivar de seus compromissos éticos e sociais. Nesse sentido, autores como Habermas (1989) e Morin (2005) reforçam a importância de uma racionalidade comunicativa, dialógica e comprometida com os valores democráticos.

Por fim, a Sociologia da complexidade contribui para reconstruir a esperança em um tempo marcado pela fragmentação e pelo desencantamento com o saber. Ao valorizar a interconexão, a solidariedade e a diversidade, aponta caminhos para uma compreensão mais humana e integrada da sociedade. Como destaca Morin (2015, p. 54), “é preciso pensar a complexidade da condição humana para construir uma civilização mais lúcida e mais solidária”.

Nesse sentido, pode-se observar que as contribuições da Sociologia da complexidade são profundas e abrangentes, oferecendo um novo modo de pensar, conhecer e agir sobre o mundo social. De modo que, ao mesmo tempo, seus desafios exigem coragem intelectual, abertura epistêmica e vontade institucional para reformar os fundamentos do conhecimento sociológico contemporâneo.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A reflexão sobre a sociologia, a partir da perspectiva da complexidade, conforme proposta por Edgar Morin, conduz a uma revisão profunda das bases epistemológicas, metodológicas e éticas da ciência social contemporânea.

Frente a um mundo cada vez mais interconectado, dinâmico e imprevisível, os modelos tradicionais de análise sociológica mostram-se frequentemente insuficientes para compreender a multiplicidade de fatores que constituem a realidade social. Nesse contexto, a proposta de Morin aparece como um chamado para repensar a forma como construímos o conhecimento sobre o mundo e sobre nós mesmos.

A complexidade, tal como entendida por Morin, não é sinônimo de complicação, mas uma maneira de compreender que o real é tecido por múltiplas dimensões interligadas. A Sociologia da complexidade propõe um pensamento que se move entre os polos da ordem e do caos, do racional e do afetivo, do individual e do coletivo, superando dicotomias rígidas e abrindo espaço para um saber mais integrado e sensível à diversidade da experiência humana. Como destaca Morin (2014), trata-se de religar saberes, de compreender a totalidade sem perder de vista a singularidade, de pensar as partes em relação com ao todo.

Ao longo deste artigo, foi possível perceber que a Sociologia complexa contribui decisivamente para a superação do paradigma da simplificação, ainda dominante nas ciências sociais. Ela valoriza a incerteza, a ambiguidade, a interação, o paradoxo e a emergência elementos muitas vezes marginalizados por abordagens lineares e reducionistas. Além disso, propõe a reforma do pensamento que ultrapassa os limites disciplinares, defendendo uma ciência transdisciplinar, mais próxima da realidade e mais responsável ética e socialmente.

Entretanto, como foi discutido existem inúmeros desafios como a resistência das estruturas acadêmicas e institucionais, que se encontram pautadas na especialização e na objetividade, representando um obstáculo significativo. Do mesmo modo, há dificuldades relacionadas à tradução dos princípios da complexidade em metodologias de pesquisa aplicáveis e ao desenvolvimento de práticas educativas que formem sujeitos capazes de pensar de forma complexa. Como adverte Santos (2009), os saberes alternativos são constantemente desvalorizados em nome de uma racionalidade científica hegemônica que tende à exclusão do diverso e do incerto.

Ainda assim, a Sociologia da complexidade mostra-se um caminho promissor, especialmente em tempos marcados por crises globais, como as ambientais, sanitárias, econômicas e políticas. Esses contextos revelam a necessidade urgente de repensar os modos como organizamos o conhecimento e as práticas sociais, convocando-nos a abandonar modelos rígidos e a abraçar uma epistemologia mais aberta, crítica e conectada com os problemas reais do mundo. Como afirma Morin (2005), é preciso educar para a complexidade, ou seja, formar cidadãos e cientistas capazes de pensar as interações, as incertezas e os contextos.

Em síntese, a Sociologia da complexidade proposta por Edgar Morin não é apenas uma teoria entre outras, mas uma verdadeira reforma do pensamento sociológico. Ela propõe um novo olhar sobre o mundo, mais ético, mais integrador e mais humano. Sua adoção, no entanto, exige um esforço coletivo e institucional para reconfigurar práticas de pesquisa, ensino e produção do saber. Trata-se de um convite à construção de um conhecimento mais sensível, mais reflexivo e mais comprometido com a vida em sua plenitude.

Diante disso, reafirma-se que a Sociologia da complexidade não elimina os paradigmas anteriores, mas os transcende e os ressignifica, compondo uma proposta epistemológica que se alinha às necessidades do século XXI. Cabe à comunidade científica, especialmente no campo das ciências sociais, aceitar o desafio de pensar a sociedade de forma mais complexa, mais humana e, sobretudo, mais comprometida com a transformação da realidade.

REFERÊNCIAS

BAUMAN, Z. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BEHRENS, M. A.; PRIGOL, E. L. Os sete saberes de Edgar Morin como fundamentos epistemológicos na formação docente on-line. **e-Curriculum**, v. 22, p. 1-25, 2024. Disponível em: <http://educa.fcc.org.br/pdf/curriculum/v22/1809-3876-curriculum-22-e55451.pdf>

BOURDIEU, P. O campo científico. In: ORTIZ, R. (org.). **Pierre Bourdieu: sociologia**. São Paulo: Ática, 2004. p. 122-155.

- DURKHEIM, É. **As regras do método sociológico**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- FLEURI, R. **Educação e transdisciplinaridade**: por uma ecologia dos saberes. São Paulo: Cortez, 2020.
- GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989.
- HABERMAS, J. **Consciência moral e agir comunicativo**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1989.
- LEFF, E. **Ecologia, epistemologia e educação**. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2021.
- MARX, K. **O capital**: crítica da economia política. São Paulo: Boitempo, 2011.
- MORIN, E. **Introdução ao pensamento complexo**. 5. ed. Porto Alegre: Sulina, 2005.
- MORIN, E. **O método 5**: a humanidade da humanidade. 2. ed. Porto Alegre: Sulina, 2006.
- MORIN, E. **O método 1: a natureza da natureza**. 4. ed. Porto Alegre: Sulina, 2011.
- MORIN, E. **A cabeça bem-feita**: repensar a reforma, reformar o pensamento. 18. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2014.
- MORIN, E. **Introdução ao pensamento complexo**. 5. ed. Porto Alegre: Sulina, 2015.
- NICOLESCU, B. **O manifesto da transdisciplinaridade**. São Paulo: Triom, 1999.
- NICOLESCU, B. **Transdisciplinaridade**: teoria e prática. São Paulo: Triom, 2010.
- SANTOS, B. S. **A gramática do tempo**: para uma nova cultura política. São Paulo: Cortez, 2007.
- SANTOS, B. S. **Uma epistemologia do sul**: o reforço da diversidade epistemológica do mundo. São Paulo: Cortez, 2009.
- SANTOS, A. M.; FELISBINO, F.; BRAGAGNOLO, S. M.; DAL PIZZOL, G. A. C. BAADE, J. H. O ensino de sociologia na educação básica: aportes para a cidadania e o mundo do trabalho. **Revista de Gestão e Secretariado**, v. 15, n. 12, p. e4539-e4539, 2024. Disponível em: <https://ojs.revistagesec.org.br/secretariado/article/view/4539/2906>. Acesso em: 16 ago. 2025.
- TOURAINE, A. **O mundo das mulheres**. Petrópolis: Vozes, 2006.
- WEBER, M. **Economia e sociedade**. Brasília: UnB, 2004.